



ÁGORA

Encontros entre a cidade e as artes:
Explorando novas urbanidades

[PTDC/ATPGEO/3208/2014]



Second International Conference



www.thestreetandthecitylx.wordpress.com

The Street and the City *Thresholds*

Keynote Speakers

Brycchan Carey
Jean Viviès
Michael Hall

**School of Arts and
Humanities
University of Lisbon**

**Estoril Higher Institute
for Tourism and Hotel
Studies**

5 to 7 April 2017

ABSTRACTS
RESUMOS



<p>La Salette Loureiro fez Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, na Universidade de Coimbra, e Curso de Mestrado em Literatura Comparada Portuguesa e Francesa, na Universidade Nova de Lisboa, onde iniciou Tese de Doutoramento sobre Nuno Bragança. Publicou <i>A Cidade em Autores do Primeiro Modernismo. Pessoa, Almada e Sá-Carneiro</i> e vários artigos em livros e revistas. Tem participado em Congressos, Colóquios e Conferências, destacando-se recentemente o <i>Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica, 100Orpheu, The Street & The City</i> e os Colóquios <i>Orpheu e Agora?</i>, <i>100/Exílio&Centauro, Aimer Paris</i>.</p> <p>Áreas de interesse: Literatura Contemporânea, Modernismo, Nuno Bragança, Cidade, Ecocrítica, Geocrítica.</p> <hr/> <p>cais, viagem, modernismo, Fernando Pessoa/Álvaro de Campos</p> <hr/>	<p>de partida, do porto ou da «gare», cais de pedra ou Cais arquetipal, ele prolifera na poesia deste heterónimo de Fernando Pessoa, articulando-se com o tema da viagem. Frequentemente objeto de descrição estática ou dinâmica, o cais é captado pelo sujeito poético de diferentes pontos, com o recurso a vários códigos de imagem e técnicas que se aproximam da pintura e do cinema, dando origem a diferentes escalas de planos, a efeitos de estatismo ou movimento, a diferentes graus de nitidez e dimensão dos objetos.</p> <p>Espaço-limiar por excelência, um «non-lieu» (Jean-Marc Augé), dir-se-ia que o cais funciona como sinédoque ou síntese da Modernidade, reunindo características definidoras do momento civilizacional, como o progresso técnico e científico, o cosmopolitismo e o internacionalismo.</p> <p>Mas o cais da poesia de Campos é bastante mais do que isso. Enquanto espaço-limiar, ele atualiza múltiplas dicotomias semânticas, de que destacamos chegar/partir, nacional/ estrangeiro, física/ metafísica, real/ simbólico, real/ imaginário, humano/ divino, ser o próprio/ devir outro(s). No que respeita a este último ponto, o cais revela-se como lugar ideal para cumprir o princípio sensacionista de «Sentir tudo de todas as maneiras», pois é com o intuito declarado de viver as emoções dos outros, de ser os outros, que o sujeito poético para lá se desloca.</p> <p>Com efeito, frequentemente lugar de peregrinação, o cais promove no sujeito poético a criação de mundos imaginários, realizando algo que se aproxima do conceito de «Excursus utopique», de Bertrand Westphal (2007), e do conceito de «Hétérotopie», de Michel Foucault. Mas, acima de tudo, é neste lugar que uma «essencialidade de mistério» se torna «ponte entre qualquer cais e O CAIS».</p>
<p>Aquilino Machado</p> <p>Centro de Estudos Geográficos/IGOT, Universidade de Lisboa</p> <p>aquilino.machado@campus.ul.pt</p> <p>Professor Assistente Convidado no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa.</p> <p>Investigador do Núcleo ZOE/Dinâmicas e Políticas Urbanas e Regionais do Centro de Estudos Geográficos, Doutorando e Mestre em Geografia Humana no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, manifesta o seu interesse de estudo nos campos epistemológicos da Geografia Cultural e Urbana.</p>	<p>“O eixo Rua da Palma - Avenida Almirante Reis e os seus percursos literários. A marca de uma geografia ficcional e emocional na construção de memórias e trajetos na cidade contemporânea”</p> <p>O conspecto aborda a paisagem literária erguida no eixo Rua da Palma – Avenida Almirante Reis. Usamos o trajeto emocional dos escritores e das suas ficções para falar da sua evolução, que embora tenha nascido na alvorada do século XX, antes da cidade republicana, a ela esteve sempre ligada. Mas a história que nela se encontra entalhada alimenta-se também do sabor de atração da cidade pelo seu interior. Quase como disséssemos que Lisboa ao voltar as costas ao rio que a viu nascer se deslumbrasse com o seu interior, talvez com o aparato da brisa que “trazia lá de cima um cheiro fresco de húmus, de estrumes, de águas e verduras” (José Rodrigues Miguéis, 1958).</p> <p>Na sua evolução capturamos a cartografia de mobilização republicana imortalizada na escrita de Aquilino Ribeiro; ou o balanceamento emocional de Fernando Pessoa, e de uma parte da geração de Orpheu, que levariam o poeta da</p>

<p>Professor Adjunto Convidado na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (2008 – 2013), onde obteve, em Junho de 2013, o Título de Especialista na Área de Turismo, aplicando um projeto sobre o “O Território Literário de «A Casa Grande de Romarigães».</p> <hr/> <p>territórios literários, geografia emocional, Lisboa</p> <hr/>	<p>heteronímia a confessar num pedacinho de escrita epistolar: “há dias passava eu de carro na Avenida Almirante Reis. Levantando os olhos por acaso, leio no cabeçalho de uma loja: Farmácia A. Caeiro”.</p> <p>Na ditadura do Estado Novo, a cadência de apropriação revelou-se através de uma boémia que se espessava em torno dos cinemas populares e das cartografias dos cafés e bares, onde ninguém estava “livre de apanhar com um poeta à deriva pela proa”, como nos legou José Cardoso Pires. Nela detemo-nos no traço especioso do café <i>Herminius</i> que funcionaria como um casulo do movimento surrealista português.</p> <p>Por fim, desaguamos no 25 de Abril e na sua intensidade cenográfica, dando forma à expressão de Lefebvre (1970) de que a cidade soube tornar-se num cenário de um “teatro espontâneo do qual” cada um se torna “espetáculo e espectador, às vezes actor”, e que foi tão declamada pelos nossos poetas hodiernos.</p>
<p>Teresa-Cláudia Tavares</p> <p>Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém (ESES)</p> <p>tc.tavares@ese.ipsantarem.pt</p> <p>Coordenadora do Departamento de Línguas e Literatura da Escola Superior de Educação de Santarém. Doutoranda na FCSH em Literatura Comparada, estando neste momento a escrever a dissertação, que versa a autoria feminina em Portugal em meados de oitocentos.</p> <hr/> <p>regeneração (Portugal), endividamento, usura, capitalismo, séc. XIX</p> <hr/>	<p>“Lisboa, meados de oitocentos: <i>Money makes the world go round</i>”</p> <p>O objetivo desta comunicação é, em primeiro lugar, caraterizar sumariamente os expedientes a que recorrem os/as lisboetas de meados de oitocentos quando querem algo para o qual não têm fundos: tentar a sorte nas casas de jogo (clandestinas) ; vender ou penhorar objetos pessoais; pedir emprestado; organizar espetáculos pagos; como veremos, até se dispõem a trabalhar.</p> <p>De seguida, descreveremos alguns dos intervenientes nestes processos: banqueiros de casa de jogo, penhoristas, adelos, empregados de lojas que estimulam ao hiper-consumo através de crédito, confrarias religiosas....</p> <p>As nossas fontes serão obras da época (Camilo Castelo Branco, Pedro Lopes de Mendonça) e, sobretudo, as <i>Memórias...</i> de Josephina Neuville (1863).</p>
<p>13.30-15.00h</p>	<p>Lunch Break</p>
<p>Sala Estoril</p>	<p>Closing Remarks and a Port Wine Farewell (<i>Porto de Honra</i>)</p>
<p>15.45h</p>	<p>Bus transport back to FLUL (sightseeing along the coast: Estoril-Lisbon)</p>

To all a safe return - we do hope to see you back next time!!!

A todos um boa viagem de regresso – contamos com a vossa presença na próxima conferência!



ÁGORA

Encontros entre a cidade e as artes: explorando novas urbanidades
Encounters between the city and arts: exploring new urbanities

Acesso livre ao livro de resumos completo:

Free access to full abstract book:

<https://thetreetandthecitylx.files.wordpress.com/2017/04/book-of-abstracts-2017.pdf>

<https://agoraprojecto.wordpress.com>

agora.ceg.ul@gmail.com